

O uso de narrativas digitais na formação de professores: a experiência da Caravana da Diversidade

Gledson de Lucas Silva de Jesus¹

Danilo Seithi Kato²

Décio Pena Duarte³

Resumo: Este trabalho foi configurado como um relato de experiência pedagógica com enfoque na análise de uma narrativa digital, produzida por um grupo colaborativo durante a participação em um evento itinerante realizado na Universidade Federal do Oeste do Pará denominado “Caravana da Diversidade”, promovido por um grupo de professores pesquisadores de diferentes regiões do Brasil. A narrativa foi interpretada com base nos referenciais teóricos constituídos por temáticas relacionadas a esse estudo. Como resultados, apontamos as potencialidades do uso de narrativas digitais disponibilizados como recursos educacionais abertos para o desenvolvimento de habilidades sociais que possam envolver aspectos da subjetividade do sujeito-autor, bem como aspectos próprios do campo do ensino de biologia, proporcionando novos olhares para a formação de professores.

Palavras chave: diversidade, ensino-aprendizagem, humanização.

1 Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA, lucasdiags@gmail.com;

2 Professor da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA, derciopduarte@gmail.com;

3 Professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, seithi@gmail.com;

Introdução

Parece haver um consenso na educação entre os professores sobre o que é mais importante para ser levado em consideração no processo de ensino-aprendizagem, porém para Pagan (2018) os professores têm persistido em priorizar apenas conceitos na sala de aula, deixando de lado aspectos socioemocionais, o que é reflexo da construção formativa de professores de ciências e biologia.

Ainda hoje, muitos professores parecem estar mais preocupados em “vencer conteúdos” do que trabalhar a vida, principalmente a humana na sua complexidade multidimensional, como o “conteúdo” principal, ligando todos os demais saberes e conhecimentos à formação e aos relacionamentos humanos. (TONIOLO; HENZ, 2009, p.2)

Em observância aos aspectos amplamente discutidos na literatura sobre a problemática que envolve a formação de professores a partir de uma racionalidade técnica, fundada em uma perspectiva pedagógica produtivista e voltada à preparação para o mercado de trabalho, que estabelecemos o nosso pressuposto no presente trabalho. Preconizamos a necessidade de tensionar os fundamentos desta formação para uma racionalidade crítica (DINIZ, 2014), mas também atenta aos aspectos socioemocionais da vida humana no ensino de biologia (PAGAN, 2018), visando uma formação sensível à diversidade cultural (KATO & SANTOS, 2019).

Partimos deste pressuposto teórico para pensar uma proposta de formação inicial de professores a partir da valorização dos conhecimentos populares, locais e relativos às experiências individuais, conhecimentos estes muitas vezes assimilados e/ou invisibilizados pela hegemonia do universalismo próprio da Ciência Moderna.

Segundo Campos et al. (2015) uma experiência exitosa é tudo que produz sentido tanto para o educador quanto para o educando, é necessário que a diversificação em classe não passe despercebido, mas que os docentes sejam capazes alcançar todo o público existente de uma forma que estimule as relações em sala de aula, é necessário que o processo de ensino-aprendizagem induza olhares biocêntricos⁴ e ecossociais⁵, o que deve ser ainda construído na formação de professores, diante de dimensões de continentes no que se refere ao território, pluriétnico e biodiverso. Por isso a necessidade de uma formação que se volte para a diversidade, sabemos

4 Biocentrismo: Ética contrária ao antropocentrismo

5 Ecossociais: Relativo ao meio ambiente e às questões sociais conjuntamente

que um país desigual, com assimetrias politicamente mantidas por uma elite do dinheiro que visa uma formação voltada ao mundo técnico, do trabalho.

Entende-se ser crucial uma formação sensível à diversidade que não desconsidera as intensas desigualdades, é indubitável as habilidades socioemocionais, pois trazem as subjetividades e construção de identidades a partir dos territórios, e da biodiversidade local.

A formação sensível à diversidade promove a relação entre professor e aluno que são mecanismos facilitadores para um ensino-aprendizagem com significância, “a facilitação da aprendizagem significativa repousa em certas qualidades de atitude que existem no relacionamento pessoal entre o facilitador e o estudante.” (ROGERS, 1986, p.128) os alunos precisam se sentir incluídos em sala de aula, para que se tornem agentes ativos e possam criar seus próprios conceitos e ambições, pois o excesso de conteúdo tornam apenas repetidores de ideias, e não aprendizes eloquentes.

Diante de tal conjuntura, esse trabalho relata e discute aspectos refletidos sobre a diversidade e humanização na formação docente de biologia na Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. Com base nas percepções construídas ao longo das experiências de um acadêmico que procurou ser aceito como homem gay e ao participar de um evento itinerante “Caravana da pesquisa”. Dessa forma, como resultado foi construído pelo acadêmico uma narrativa para uma plataforma digital baseada no autoconhecimento com o objetivo de despertar docentes em formação e atuantes a perceberem importância de considerar assuntos psicossociais no processo de ensino-aprendizagem e conseqüentemente na formação de professores de biologia, revelando assim a visão de um universitário gay e paraense que identificou a falta de humanização no seu percurso formativo docente em que mostra insatisfação em não conseguir se ver incluso nos assuntos debatidos em sala de aula que envolve questões de sexo/gênero, pois o ensino de biologia massifica e generaliza todos em apenas XX e XY, além disso esse trabalho busca analisar e destacar vertentes oriundas das produções do grupo formado durante o evento da Caravana da Diversidade.

Narrativas digitais na educação

As narrativas podem ser usadas como recursos avaliativos dos discentes, pois proporcionam a organização das ideias e levando assim a aspectos educativos, atividades realizadas no processo de contar histórias digitais em ambiente de aula, resgata alunos da posição “plateia” e transforma-os em participantes ativos no processo de aprendizagem. Para Bruner (1991/1996)

as narrativas são tidas como recurso no processo da educação, pois está relacionada à produção de sentido e à compreensão sobre como a realidade é construída.

Segundo Palácio e Struchiner (2017), narrativa e experiência são, portanto, dois conceitos que se relacionam, pois, o ato de narrar implica revelar histórias, vivências e organizá-las de modo que elas façam sentido e consigam transmitir uma informação.

O ato de narrar acompanha todas as nossas ações e relações sociais; ele nos ajuda a dar sentido aos acontecimentos, uma vez que ao narrarmos uma experiência somos remetidos ao registro da memória sobre o cotidiano da vida social, ao específico do sujeito, ao coletivo de um grupo, aos significados que os sujeitos atribuem aos acontecimentos (ALMEIDA & VALENTE, 2012).

Nesse sentido, os estudantes em geral chegam a situações que não conseguem associar o sentido de o porquê estudar matemática, física, química e biologia pela dificuldade de relacionar com seu espaço onde vive isso se deve pelo déficit da prática docente em relação ao processo de ensino-aprendizagem, é preciso adotar novas metodologias a serem condicionadas na escola atual para colaborar com os assuntos em sala de aula.

As narrativas digitais podem ser usadas como metodologias de ensino, sabe-se que a cada dia estão mais presentes nas tecnologias disponíveis na internet o que é muito satisfatório para que venha ser impregnado mais saberes a partir de experiências escritas, pois segundo Prado et al., (2017) diante das inovações tecnológicas o ato de narrar se altera proporcionando entre outras vertentes.

Outras possibilidades de narrativas sejam digitais ou não são as autobiográficas, isto é, produzidas pelo sujeito "eu" sendo, portanto, importante forma da pesquisa qualitativa na educação para se notar as percepções a partir de um ponto de vista epistêmico, revelando olhares até despercebidos.

O uso de narrativas autobiográficas como fonte de investigação e método de pesquisa assenta-se no pressuposto do reconhecimento da legitimidade da criança, do adolescente, do adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela. (PASSEGI et al. 2016).

Esse tipo de narrativa condiciona possibilidades e olhares mais profundos sobre dada experiência, à diferença de outras narrativas está baseado no olhar interpretativo do sujeito que descreve suas emoções, sentimentos, insatisfações, e opiniões de forma subjetiva e intencional o que torna o texto mais profundo e realista, desde que se trata de uma vivência assumida e relatada, dando possibilidades ao que escreve de se reconhecer a partir de suas experiências e escolhas.

As narrativas digitais podem descrever a partir de problemas enfrentados nos contextos sociais assim tornam-se importantes aprendizagens, pois o leitor é levado a refletir, as narrativas podem reelaborar sua experiência, a fim de chegar numa nova solução, por conseguinte, aprendendo. Mas, esta experiência só ocorre porque o aprendiz está inserido em um ambiente e interage com outros indivíduos e com objetos ali existentes.

Caravana da Diversidade

A Caravana da Diversidade é um evento itinerante promovido por professores pesquisadores de universidades de regiões diferentes do Estado brasileiro. Uma das etapas da Caravana foi realizada no dia 28 de agosto de 2018 na Universidade Federal Do Oeste Do Pará- UFOPA. A primeira fase veio a ser realizada na Universidade Federal do Amazonas no dia 24 de agosto que envolveu um grupo de professores que viriam a participar e realizar a segunda etapa a ser realizada em Santarém.

O evento teve duração de oito horas, sendo 4 horas pela manhã e 4 horas pela tarde. Pela manhã o evento esteve caracterizado em apresentações e ciclos de diálogos entre os professores pesquisadores e os participantes, nesse percurso o professor Danilo Seithi Kato apresentou uma plataforma digital em web 2.0 que visa desenvolver olhares sobre o ensino de ciências e biologia baseado nas culturas e regionalidade podendo também apresentar temas relacionados à sociobiodiversidade. Cada professor pesquisador presente no evento teve cerca de meia hora para destacar sua posição em relação a temáticas cognitivas, sociais, culturais sobre o ensino de biologia, revelando até mesmo olhares científicos da área de ensino e formação docente ainda não discutida, isto é, assuntos inovadores para os participantes do curso de licenciatura em ciências biológicas de diferentes turmas da Universidade Federal do Oeste Pará.

A professora Mariana Valle e o professor Welton Oda destacaram a importância do processo de valorização regional no ensino, fazendo os participantes a refletirem acerca de que não se pode negar a própria identidade

regional no ensino de biologia, pois com o passar do tempo a mecanização e os termos populares vão se distinguindo da escola levando assim a negação da identidade regional. Compreende-se que o docente deve ser transparente em sua identidade fazendo com que os discentes se sintam inclusos na sala de aula e dessa forma possam relacionar seu conhecimento prévios com os assuntos trabalhados na disciplina, visto que “a presença de uma identidade própria para docência aponta a responsabilidade do professor para a sua função social, emergindo daí a autonomia e o comprometimento com aquilo que faz.” (IZA, 2014, p.45).

O professor Danilo Kato e a professora Alice Pagan fundamentaram suas apresentações em uma abordagem humanista e crítica para o ensino da biologia. A problemática apontada evidencia um sistema educacional que conserva valores e fundamentos que desumanizam, inferiorizam e padronizam em grande medida os estudantes. Assim, conceitos regionais, saberes científicos são desconsiderados da formação sem quaisquer justificativas apenas pela condição do “achismo” em ser mais importante que outro conteúdo que poderia ser trabalhado que posicionaria a mais relações sociais entre professores -discentes e discentes-discentes. Às vezes parece que o currículo de formação de professores nos prepara para entender e gostar mais de biologia do que do aluno que aprende Biologia. Carecemos de melhor formação em psicologia e ciências sociais, para a compreensão do sujeito que aprende. (PAGAN, 2018)

Após as apresentações dos professores, foi formado um grupo com cerca de 10 integrantes que envolviam professores e alunos da UFOPA, a ideia inicial seria a produção de algum material que serviria como proposta a ser submetida na plataforma digital web 2.0 que foi apresentada ainda no início do evento. A partir das discussões do grupo em conjuntura com as suposições e problemáticas dos professores que promoveram o evento chegaram a temáticas relacionadas a questionamentos do uso identitário no ensino de ciências e biologia, a importância da regionalidade para se ensinar biologia.

O grupo chegou a um tema central dirigido ao aspecto regional refletindo sobre a Amazônia, em especial o estado do Pará, através do debate, chegou-se a uma proposta didática que foi denominada “Não somos um catálogo”, na justificativa que o Pará ainda é interpretado pelos demais estados brasileiros como um lugar inferiorizado em relação a aspectos culturais, sociais e econômicos, mas é valorizado e requisitado no que se trata da exploração de recursos naturais, à semelhança de um catálogo de vendas.

Após isso foi produzida uma narrativa em formato de história em quadrinho (HQ) em que abordou fatos de um acadêmico integrante do grupo, em sua experiência vindo do interior do Pará, em que teve impacto com a globalização de uma civilização desenvolvida e os impactos da realidade do acadêmico que como um gay paraense teve em muitos momentos que se esconder e se adaptar considerando o modo de vida e a sua cultura como “errados” em relação ao que seria considerado “normal”.

A narrativa foi redigida como teor de criticidade, é direcionada para o processo de ensino-aprendizagem de biologia, há trechos como o a seguir que revela insatisfação do acadêmico no que é ensinado em sala de aula, revelando sua dificuldade em se encontrar e associar seu contexto com o assunto trabalhado:

“Na aprendizagem da biologia, nunca me foi apresentada a ideia sobre que a homossexualidade não era algo somente em mim ou da minha espécie só me foi apresentado o contexto do XY que representa o homem e o XX que representa a mulher, esqueceram de me explicar que existem variações. [...] devem ser ministradas que diz a respeito gays, lésbicas, transexuais sem padronizar o que é ser homem e ser mulher, se tivesse obtido esse conhecimento todo o sofrimento que passei poderia ser evitado, pois a educação ela salva e liberta. Os professores estão presos a uma ideia de ensino “robotizado” não expõe suas verdadeiras identidades e o verdadeiro conhecimento, convivi apenas com saberes biológicos rasos e sem tê-los no meu cotidiano o que dificultou em muito, e tem dificultado um aprendizado significativo” (Narrativa Digital, 2018).

O acadêmico protagonista da narrativa sofre por não se ver incluso na aula de biologia, isso gera no ambiente escolar a exclusão desse indivíduo que passa a ser visto por esses silenciamentos do ensino como inferior, diferente do normal, fora de cogitação.

Pois o ensino de biologia, vivenciado pelo acadêmico não trata fortemente de questões relacionadas a diversidade só defende a ideia de que existe homem e mulher sendo caracterizado apenas por XY e XX, o acadêmico sente dificuldade em relacionar onde ele se define. As questões de sexo e gênero são tratadas apenas de um único modelo, gerando assim uma padronização e modelação de uma realidade que exclui e desvalorizam outras realidades, PAGAN (2018) entende as terminologias XX e XY de outra forma, para ela inadequado é tratarmos cromossomos XX, como de

mulher e XY, de homens. Terminologia comumente usada em livros e aulas de Biologia, defender ser a ideia que XX, em interação com o ambiente, pode proporcionar condições para um mamífero, de nossa espécie, gerar e amamentar sua prole, contudo esses cromossomos não transformarão esse indivíduo em mulher, posto que o gênero feminino é um produto da cultura.

É indubitável que essas questões sejam tratadas no ensino de biologia, os professores devem compreender a sala de aula como um campo de muitas possibilidades e que dessa forma, precisam acondicionar sensibilidades que possam alcançar e mencionar de alguma forma os discentes em sala de aula, um dos maiores deveres e também desafios do docente é proporcionar o sentido e a inclusão na sala de aula.

"[...] eu não estudei as plantas, ou animais da minha região norte, mas aprendi o que eu nunca vi, mas que os poderes maiores determinaram para que eu aprendesse, pois é importante para eles, mas e quanto aos meus espécimes e a minha rica vegetação? Apenas ignoram. Minha fala é errada, meu bicho ninguém se importa em conservar, a biologia fica delimitada em docentes que se calam e aprendem a obedecer a um sistema falho, que tira o conhecimento regional, e não aproveitam o saber popular [...]"
(Narrativa Digital, 2018).

No texto acima, podemos ver a que a discussão foi baseada na insatisfação de estudar conteúdos que não são da região norte, e questiona "o que torna mais importante aprender sobre a sócio biodiversidade dos estados que se diferem da região norte? O que torna menos importante a sócio biodiversidade da região norte? Podemos interpretar isto como preconceito regional, e o silenciamento de ensino pois os saberes regionais são importantes por proporcionar margem ao discentes de associação dos conhecimentos aprendidos na sala de aula com o ambiente social e regional em que vivem, aprendem a valorizar potencialidades de suas regiões, o ensino sensível a diversidade cultural é fundamental para o ensino de biologia como afirma Kato e Santos (2019, p.347):

Reconhecemos a necessidade de uma formação sensível à diversidade cultural, e que, portanto, reconheça as territorialidades na formação de identidades, fundamental para um ensino de biologia crítico e voltado para a sócio biodiversidade que estabeleça uma cultura da paz pela tolerância e respeito aos direitos humanos sem desconsiderar as intensas assimetrias características do país.

Baseado nisso, entende-se ser indubitável no contexto escolar que ainda assuntos de aspectos da sóciobiodiversidade silenciados, pois põe em risco a saúde social em sala de aula e vertentes que promovem a valorização da fauna e flora regional.

A narrativa digital produzida foi influenciada diretamente das reflexões e discussões do grupo durante o evento da Caravana da Diversidade, o grupo notou noções que passam despercebidos da formação docente na Universidade Federal do Oeste do Pará especificamente do curso de licenciatura em ciências biológicas. Um dos acadêmicos se sentiu disposto a contar sua história em formato HQ para que mais pessoas que não notam o silenciamento de questões da sóciobiodiversidade de sua formação seja ela construção ou contínua, sejam despertadas para que dessa forma o ensino de biologia possa alcançar mais pessoas e regiões.

O acadêmico percebeu que a educação pautada no autoconhecimento estabelece caminhos para uma identidade docente sólida, isto é, estruturada, que exerce a liberdade desde que a educação sensível a diversidade estabelece valores que vão além das questões técnicas científicas, promovem o bem estar social que não defende nenhuma hegemonia, mas que assimila uma educação de direitos humanos que não seja conivente com epistemicídio próprio dessa hegemonia de poder no mundo globalizado (KATO e SANTOS, 2019).

Aspectos a refletir

A formação de professores, precisa destacar a importância da humanização na prática docente, a saber, valorizar aspectos de respeito e compreensão visto que são habilidades sociais imprescindíveis para as vivências na escola e fora dela. A partir da narrativa analisada nesse trabalho nota-se que o ensino ainda omite conceito e põe em risco a identidade que é um fato fundamental para o profissionalismo docente.

O cenário atual ainda demanda de medidas urgentes na promoção da educação, pois exclui frequentemente assuntos que devem estar presentes nas grades curriculares de cursos superiores e da educação básica nas escolas. Cada região deve apresentar conteúdos, e termos regionais sem considerar suas culturas, crenças e valores linguísticos como errados, mas sim compreenderem as outras literaturas conceituais e assim serem capazes de associar ao seu contexto. Dessa forma, apresentar, estudar e se aprofundar em metodologias inovadoras para fortalecer a aprendizagem interativa

e significativa, que possibilite a educação saudável em sala de aula, pois é essencial.

Referências

ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 3, p. 57-82, 2012.

Bruner, J. S. (1991). The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, 17, 1-21. Bruner, J. S. (1996). *Cultura da Educação*. Lisboa: Edições 70.

CAMPOS, S. N; GRANDO, S. B; PASSOS, A. L. Educação e Diversidade: As Experiências Exitosas que reconhecem os saberes e fazeres da cultura na escola. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, V. 10, n.4, 2015, p. 1261-1277.

CAVALCANTE, J.J. SILVA, P.E, CAVALCANTE L.F Método (auto) biográfico e a pesquisa formação. **CIAIQ 2017**, v. 1, n. esp, p.1688-1697, 2017.

DINIZ-PEREIRA, J. E. Da racionalidade técnica à racionalidade crítica: formação docente e transformação social. *Perspectivas em Diálogo*: **Revista de Educação e Sociedade**, v.01, n.01, p. 34-42,2014.

IZA, D. at all. Identidade docente: As várias faces da constituição do ser professor. **Revista Eletrônica de Educação**. v. 8, n. 2, 2014 ,p. 273–292.

KATO, D.S; SANTOS, P. A. A. A. “Cadê a Puba? ”: Por uma formação intercultural de professores de biologia em uma comunidade amazônica. **Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 6, nº 16, p. 344-363, out/dez.2019.

PAGAN, A. A. O ser humano do Ensino de Biologia: uma abordagem fundamentada no autoconhecimento. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 7, n. esp, p.73-86, 2018.

PALÁCIO, M.A.V.; STRUCHINER, M. Análise da Produção de Narrativas Digitais no Ensino Superior em Saúde. *EAD em Foco*, V. 7, n. 1, 2017, p. 62–71.

PASSEGGI, M. NASCIMENTO, G. OLIVEIRA, R. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, 33, 2016

PRADO, L.A.; LAUDARES, A.M. E.; VIEGAS, C.P.P.; GOULART, V.C.I. Narrativas Digitais: Conceitos e contextos de letramento. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n.esp.erebio2,2017, p.1156-1176.

ROGERS, C. Liberdade de aprender em nossa década. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

TONIOLO; HENZ. Os Processos de humanização na formação e na prática de professores. Projeto de pesquisa do Curso de Pós-Graduação em Gestão Educacional – UFSM, Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/011e5.pdf>. Acesso em: 08 de dezembro de 2019.